

Entrevista a António Ferreira (para quem já viu, ou quer ver, o filme Pedro e Inês)

quinta, 18 outubro 2018 14:25

A REDE ON CENTRO teve o privilégio de acompanhar as filmagens e de colocar algumas questões ao realizador António Ferreira. As perguntas não têm spoilers!

A estreia de "Pedro e Inês", a terceira longa-metragem do realizador conimbricense António Ferreira, aconteceu na passada quinta-feira, dia 18 de outubro, e desde aí, está a esgotar as salas de cinemas de todo o país (Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Leiria, Viseu, Aveiro, Évora, Faro, Setúbal, Vila Real, Castelo Branco, Funchal, além de outras cidades a anunciar em breve).

A rodagem desta coprodução entre Portugal, França e Brasil, teve lugar no verão passado (junho de 2017), na Quinta das Lágrimas, e prolongou-se durante dois meses, tendo também por cenários os concelhos de Montemor-o-Velho, Cantanhede (Pocariça) e Lousã (Cerdeira). "Pedro e Inês" é uma produção de [Persona Non Grata Pictures](#) e [Tathiani Sacilotto](#).

Além de Diogo Amaral no papel de Pedro, e Joana de Verona no de Inês, o filme conta ainda com a participação de Vera Kolodzig, Custódia Gallego, João Lagarto, Cristovão Campos e Miguel Borges.

O filme é narrado "do ponto de vista de um homem internado num hospital", que, sob o efeito de drogas, "tem visões", recordando três vidas diferentes, como explicou António Ferreira.

A narrativa decorre em três momentos temporais distintos - época

medieval, presente e futuro - e em todos eles surgem as personagens Pedro e Inês, interpretadas sempre pelos mesmos atores.

A REDE ON CENTRO teve o privilégio de acompanhar as filmagens (para ler [aqui](#)) e de colocar algumas questões ao realizador António Ferreira. As perguntas não têm spoilers!

OC: Este filme tem a idade da sua filha, certo? Foi um "parto" difícil?

AF: Sim, 11 anos. No mínimo foi longo (risos). Costumo dizer que fazer cinema é para maratonistas. Sem perseverança não se fazem filmes.

OC: Sendo a Tathiani Sacilotto sua companheira e responsável pela produção, podemos dizer que o filme é parte da família?

AF: Sem dúvida, fizemos a maratona juntos e, mesmo na equipa de rodagem, tivemos muitas pessoas com quem já trabalhámos várias vezes e que são como família. Mas é um filme grande e teve muita gente nova com quem nunca tínhamos trabalhado.

OC: O que acha que Rosa Lobato Faria diria se visse o resultado em filme da adaptação do seu livro?

AF: É uma pena nunca poder saber a resposta a essa pergunta. Tivemos uma ante-estreia em Lisboa com a presença de familiares da Rosa e eles ficaram muito emocionados com o filme. Acabámos todos abraçados a tentar conter as lágrimas (risos).

OC: Pensou alguma vez em desistir?

AF: Várias vezes! Da última vez, mesmo antes de finalmente conseguirmos o financiamento que desbloqueou tudo, foi a Tathiani, a minha esposa e produtora, que não me deixou desistir. Ainda não sei se foi a esposa ou a produtora que me impediu (risos).

OC: Qual a sua parte preferida do filme? E qual a parte mais desafiante de fazer?

AF: Todas as fases têm desafios e recompensas. A parte da escrita é sem dúvida a mais dolorosa. Mesmo trabalhando numa adaptação, escrever é um terreno desconhecido, onde se avança muito lentamente e é preciso muita determinação para não desistir. A montagem é o "creme do bolo", vemos o filme finalmente tomar a forma final e avança-se muito mais rápido. E, claro, a adrenalina da rodagem, o momento de criação por excelência... Todos são, mas a rodagem é provavelmente a mais desafiadora.

OC: Sentiu apoio por parte das entidades? E da comunidade?

AF: Os 10 anos de desenvolvimento e produção foram essencialmente para reunir os apoios financeiros necessários. As pessoas em Coimbra e nos municípios onde filmámos (Cantanhede, Lousã, Montemor-o-Velho, Coimbra) foram extraordinárias! Este é o principal motivo pelo qual venho para esta região, as pessoas são muito generosas.

OC: A mais famosa história de amor portuguesa já tinha sido adaptada ao cinema?

AF: Já havia duas adaptações ao cinema, uma de 1944 "Inês de Castro" de Leitão de Barros e "Inês de Portugal" de José Carlos Oliveira de 1997. Na verdade o que mais me impressiona é como uma história com os contornos desta, só tenha tido duas adaptações previamente.

OC: Quão louco é preciso ser para fazer cinema em Portugal?

AF: 1% inspiração, 99% suor, 100% de obstinação. Nunca nada é fácil ou acontece sem um grande esforço, pelo menos para mim tem sido assim. Fazer cinema é difícil em qualquer parte do mundo. É extremamente caro e de muito difícil acesso aos meios para o fazer. É preciso sobretudo ter uma

grande paixão pelo que se faz.

OC: Durante o filme, apesar de conhecermos a história de cor, não pestanejamos com a sensação de que algo terrível vai acontecer e não estamos preparados para o momento em que a tragédia se dá. Como conseguiu criar este efeito?

AF: O "truque" é manter o expectador curioso e à espera (risos). Se já soubermos o que vai acontecer na história, aborrecemo-nos e desligamos. Nada mais chato do que conseguir antecipar o desfecho de uma cena e esse é o grande desafio do argumentista - ir dando a informação que nos mantém atentos, mas em doses suficientemente baixas para nos manter curiosos. E mesmo no caso de uma história como esta, em que supostamente conhecemos o desfecho final, não sabemos exatamente "como" ou "quando" vai acontecer. No caso deste filme, que tem mais duas épocas para além da original, são histórias com enredos novos. Isto ajuda a quebrar o efeito de "spoiler" que poderá ter o facto de conhecermos a história original de Pedro e Inês.

OC: A história de "Pedro e Inês" é uma história de amor ou de doença mental?

AF: Este filme é sobre como o amor, em última instância, pode superar a própria morte, imortalizando-nos. E existirá medo humano maior do que a própria morte ou daquele que amamos? Pedro, o arquiteto no presente, internado num hospital, está aparentemente enlouquecido por ter perdido a mulher que amava, mas duvido que alguém após visionar o filme que olhe para Pedro como um louco, pelo contrário, a forma como Pedro lida com a dor, pode ser libertadora também para quem assiste ao filme. Tenho sido abordado por pessoas muito emocionadas no final das projeções. A dor une os seres humanos, desperta-nos a compaixão, faz-nos sentir vivos e, de alguma forma, isso enche-nos o coração.

Sobre o Filme

Partindo da história bem conhecida do imaginário coletivo português de Pedro e Inês, expandindo-se ao longo de duas outras histórias, paralelas nos eventos, mas em épocas diferentes: a original, de D.Pedro, rei de Portugal no século XIV; a de Pedro Bravo, filho de um importante arquiteto do século XXI e a de Pedro Rey, um jovem filho de um líder de uma comunidade rural, a única categoria de indivíduos que está autorizada a reproduzir-se na sociedade do século XXII.

É a história de Pedro e Inês, contada em séculos diferentes, com regras familiares e sociais de cada época, mas onde o seu destino é sempre o mesmo: o de estarem incondicionalmente apaixonados um pelo outro, mas não poderem viver esse amor. As lutas de poder, a concorrência entre famílias, as classes sociais distintas, faz com que as três histórias que vivem de enredos diferentes, tenham um sabor só: a paixão infinita, o amor incondicional, a separação pela força

Sobre o Realizador

António Ferreira nasceu em Coimbra, em 1970. Em 1994, ingressa na Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), em Lisboa. Em 1996, muda-se para a Alemanha para estudar na Academia de Cinema e Televisão de Berlim (dffb).

Em 2000, ganha notoriedade com “Respirar (debaixo d’água)” que o levou até ao Festival de Cannes e com a qual ganhou vários prémios em diversos festivais internacionais.

Em 2002, estreia a longa-metragem “Esquece tudo o que te disse” um dos filmes portugueses mais vistos nesse ano.

Em 2007, estreia a curta-metragem “Deus Não Quis”, com a qual ganha mais de uma dezena de prémios internacionais.

Em 2010, estreia a sua segunda longa-metragem “Embargo”, uma adaptação de José Saramago, uma coprodução entre Brasil, Portugal e Espanha.

Em 2011, encena a sua primeira peça de teatro “As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant”, de Fassbinder, para o Teatro Nacional D. Maria II. Em 2012, realiza o filme “Posfácio nas Confeções Canhão”, a convite de Guimarães Capital Europeia da Cultura.

É membro fundador da Academia Portuguesa de Cinema (APC) e da Associação de Produtores de Cinema e Audiovisual (APCA).

Juntamente com a produtora Tathiani Sacilotto, dirige a Persona Non Grata Pictures, com sede em Portugal e no Brasil.

Na sua carreira, António Ferreira conta com seis filmes realizados e mais de trinta produzidos. Já conquistou 40 prémios internacionais em mais de uma centena de festivais de cinema nos cinco continentes.

Equipa

produzido por Tathiani Sacilotto e António Ferreira

escrito e realizado por António Ferreira

adaptação do romance Glória M. Ferreira e António Ferreira

fotografia: Paulo Castilho

música original: Luís Pedro Madeira

som direto: Olivier Blanc e Rafael Cardoso

desenho e mistura de som: Ricardo Cutz

arte: Luísa Bebiano

figurino: Sílvia Grabowsky

cabelos: Carlos Gago

maquilhagem: Raquel Ralha

caracterização: Júlio Alves

montagem: António Ferreira

produtora executiva: Tathiani Sacilotto

coprodutores: Marie-Pierre Macia, Claire Gadéa, Carolina Dias, José Barahona

produção: Persona Non Grata Pictures, MPM Film (fr), Refinaria Filmes (br), Diálogos Atómicos (pt)

produtores associados: Riot Films (pt), Viagem Medieval (pt)

uma co-produção

PORTUGAL - FRANÇA - BRASIL

DCP 4K - 2.39 scope - 120min

financiamento

ICA | Instituto de Cinema e Audiovisual (pt)

CNC | Centre National du Cinéma (fr)

ANCINE | Agência Nacional do Cinema (br)

IBERMEDIA

MEDIA Programme

distribuição

NOS Audiovisuais (pt)

RTP - Rádio e Televisão de Portugal (pt)

Pandora Filmes (br)

ANTE-ESTREIA

Acompanhe todas as novidades da Rede ON Centro no [Facebook](#), [Newsletter](#) e [Instagram](#)